

---

*A desmistificação do gaúcho na figura de João Guedes, em **Porteira Fechada**, de Cyro*

*Martins*

**Vanessa Castro de Lara**<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto traz uma reflexão sobre o monarca das coxilhas, construção narrativa que atribuiu valores idealizadores ao homem do campo sul-rio-grandense e, por outro lado, analisa o processo que determinou a marginalização, a pobreza enfrentada pelo trabalhador rural que, na cidade, se mostrou incapaz de viver distante dos valores morais rurais e que acaba como a sua morte, física e simbólica.

**PALAVRAS CHAVE:** Monarca das coxilhas; mito; romance; *Porteira fechada*.

**ABSTRACT:** This paper presents a reflection about “monarca das coxilhas”, narrative construction that attributed to values idealizers a field’s man “sul-rio-grandense” and, on the other hand, it analyzes a process that determined your poverty and your moral misery, an agricultural worker whom, in the city, he showed incapable to live distant an agricultural moral values and he dies, symbolic and physics.

**KEYWORDS:** “Monarca das coxilhas”; myth, novel, *Porteira fechada*.

### **Considerações iniciais**

*Porteira fechada*, obra modernista de Cyro Martins, denuncia as condições sociais existentes na campanha sul-rio-grandense. Na verdade, *Porteira fechada* integra a chamada trilogia do “gaúcho à pé”, constituída ainda por *Sem Rumo* e *Estrada Nova*, obras que desconstroem a ideologia do gaúcho herói, ser mítico, associada à figura do centauro, que surgiu com a formação das estâncias no Rio Grande do Sul.

O romance passa-se no município de Boa Ventura, ao que tudo indica na região fronteira do Rio Grande do Sul, e conta a história do gaúcho João Guedes, personagem principal, Maria José, sua esposa e seus cinco filhos. Embora digna, a vida deles é precária, vivem em uma pequena propriedade arrendada, situação comum a muitos gaúchos da época.

O narrador apresenta-se em 3ª pessoa, pois Guedes não tem voz e nem percepção do seu mundo que se rompe ao longo da narrativa. O que chama a atenção nos romances produzidos pela chamada geração de 30 da prosa modernista brasileira é exatamente o

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria-. Trabalho realizado na DCG Literatura sul-rio-grandense, sob orientação da professora Elaine dos Santos, doutoranda em Estudos literários pelo PPGL/UFSM, bolsista REUNI.

---

predomínio da narrativa em 3ª pessoa, onisciente, conforme destaca Dacanal (2001), evidenciando o caráter de denúncia social impresso aos romances do período, parecendo evidenciar o propósito de sensibilizar o leitor, a fim de que ele reflita sobre as condições precárias e desumanas do homem do campo que migra para a cidade.

No primeiro segmento do texto, retoma-se a análise da narrativa, quer do ponto de vista estrutural, quer temático. Procura-se refletir sobre a construção ficcional e as formas como a degradação acompanha o protagonista, da mesma forma em que se estabelece um paralelo entre o “dantes”, os tempos vividos no campo, e o presente, a marginalização pessoal e profissional de Guedes e sua família. Ainda são tecidas considerações sobre a manifestação que se expressa da obra das características mitificadoras e desmitificadoras do monarca das coxilhas, que a literatura, através de romances como *O gaúcho*, de José de Alencar, e *Contos gauchescos*, de Simões Lopes, concedeu ao habitante do pampa.

## **2. Uma trajetória de fracassos**

No início da narrativa, é apresentado o Capitão Fagundes, personagem secundária, bolicheiro de campanha, desiludido com as circunstâncias da vida. Debruçado sobre o balcão, observava o marasmo do lugar, porém a mesmice quebra-se ao avistar um vulto que levava um caixão. A partir deste momento, o narrador antecipa o desfecho dos fatos que compõem a história: a morte de Guedes.

Recorrendo ao passado, o narrador apresenta os fatos que determinaram o fim miserável de Guedes. A pequena propriedade, arrendada, em que ele vivia com a família foi, repentinamente, vendida para um criador de gado, grande fazendeiro, que queria aumentar a posse das terras e, com isso, ampliar os seus negócios: a criação de gado. Sem alternativas, isto é, sem possibilidade de se manter na sua antiga propriedade e sem terras disponíveis para arrendamento, Guedes obriga-se a partir rumo à cidade para, lá, tentar sobreviver e sustentar a sua família, composta pela mulher, Maria José, e os cinco filhos.

A narrativa apresenta aspectos típicos do gaúcho idealizado que, aos poucos, perde os vínculos com a terra, com as lides campeiras e, por fim, com o cavalo, transformando-se, em continuidade, no “gaúcho a pé”. A respeito do gaúcho mítico, misto de peão e guerreiro, Gonzaga (1980, p. 127) afirma: “seu sentimento de honra é rigoroso, quase bárbaro, exercendo-se, de modo instintivo, na ampliação da natureza física e animal. Daí que suas

---

expansões de amizade e carinho concentram-se nos cavalos”. Além do cavalo, podemos perceber, em *Porteira Fechada*, o vínculo de Guedes com o seu cachorro, fiel companheiro:

Depois agradou o companheiro de madrugadas. – Buenas, Amigo! O cãozinho pôs-se de pé sobre as patas traseiras, esfregando a cola na terra, as mãozinhas dobradas, os olhos miúdos apertados, franzindo o focinho e ganindo como num choro, mas de alegria. Retribuindo tamanha festa, Guedes palmeou-lhe a cabeça e se deixou lambar (...) (1993, p. 16).

Convém ressaltar que se encontra presente, na narrativa de Cyro Martins, a hospitalidade típica do gaúcho, costumeiramente ressaltada, por exemplo, em *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto. Em *Porteira fechada*, tem-se:

O gaúcho botou fora um pouco de erva e encilhou o mate para esperar o forasteiro. Como dava tempo, pegou a vassoura de guanxuma e deu uma varrida rápida, por alto, em redor do fogo, amontoando o cisco num canto (...). (1993, p.17)

O que chama a atenção é que a hospitalidade é dirigida a um estranho, Guedes sem nem conhecer o “forasteiro” esperava-o como quem espera um amigo, um companheiro de mate.

A partir da chegada do forasteiro começa a ruína de Guedes, que é expulso da pequena propriedade arrendada, uma vez que quem chega é Julio Bica, que lhe informa ter comprado aquele pedaço de terra. Guedes levou um grande baque, pois já considerava aquele chão como seu. “De tantos anos que morava ali, quase se esquecera de que aquele pedaço de campo não lhe pertencia, que ele não passava dum simples arrendatário.” (1993, p. 18)

Para Julio Bica, o rumo que tomaria Guedes, não lhe importava, pois, para ele, negócios eram negócios. E o mais importante, no momento, era “forçar o arrendatário a desocupar o campo o quanto antes”. (1993, p. 19)

Depois de receber a notícia e relatá-la para a mulher, Guedes sai cabisbaixo com seu cavalo em direção aos campos, como numa despedida:

Torcido nos pelegos, de vistas embaciadas, o peito pesaroso, as mãos arrimadas à cabeça do serigote, a testa inclinada para a frente, o gaúcho assemelhava-se a uma árvore velha meio desenraizada por uma tormenta. Tinha as ideias embaralhadas por uma cisma de tenências amargas. E o próprio mouro, por sua vez, acompanhava o dono na atitude desenxabida, afrouxando uma pata, estendendo o pescoço, derrubando o beíço, murchando as orelhas [...] (1993, p. 23)

Nesta passagem, percebe-se o vínculo estreito de companheirismo estabelecido entre gaúcho e cavalo. Além disso, ao final deste dia, como se nada houvesse acontecido, pegou

---

seus bois e foi arar a terra, como que negando a si mesmo a realidade, de que teria que partir dali e os fatos que essa mudança acarretaria, demonstrando, assim, a sua forte ligação com a terra e a natureza que tanto amava.

O que não se esclarecia para Guedes era o porquê de Seu Bento, arrendador na terra, não lhe comunicar sobre a venda. Mas logo que seu Bento foi encontrado morto, por suicídio, Guedes entendeu a vergonha do amigo, que, como ele, perdera a terra.

Na sequência, temos o velório de Seu Bento, onde é apresentada a figura de Gertrudes, que se configura como uma personagem secundária. Gertrudes é muito conhecida e respeitada por todos, pois é benzedeira, encarrega-se dos velórios, das compras para o café, das velas, até do tecido para fazer as roupas de luto. Gertrudes, assim como Guedes e sua família, também havia deixado o campo expulsa pelos grandes fazendeiros e pela criação extensiva de gado.

Depois, novamente, volta-se para o presente da narrativa e, em cena, o velório de Guedes. Nesse cenário, Gertrudes, novamente encarregando-se dos seus afazeres. Porém, a família simples e honesta já se encontrava degradada pela cidade e seus hábitos precários – parte da família de Guedes sequer viera prestar-lhe respeito diante da morte: uma filha fugira anos antes, a outra estava morta.

Outro ponto que merece destaque, no texto, é a latente diferença entre as classes sociais que se expressa, por exemplo, na diferença do velório de seu Bento e de Guedes, pois diferente do velório de Bento, o de Guedes se realiza num rancho enviesado e espremido. A única personagem que permanece com o mesmo comportamento, mesmo tendo ido para a cidade, é Gertrudes, que, na cidade, pode desenvolver melhor os seus dotes, tornando-se respeitada pelos demais.

O poder econômico centrado na mão dos mais fortes ocasionara a crise, que se traduz no êxodo rural, levando os moradores interioranos para as cidades, como no caso de Guedes. Seu verdadeiro flagelo estava na cidade, nesse ambiente, tudo se rompeu: suas virtudes, sua estrutura familiar e até sua dignidade.

O processo de inovação do campo, através da mecanização das estâncias, dos avanços tecnológicos, e de outros aspectos da modernidade que se desenvolvia, provocou o êxodo rural, fazendo com que muitos trabalhadores rurais, migrassem para a cidade. A partir deste ponto, o gaúcho, íntegro e campeiro, passará a ser um indivíduo marginalizado no meio urbano. Eles eram homens e mulheres acostumados à vida e à lida do campo: o cultivo da terra, a marcação e a castração do gado, o pastoreio dos rebanhos e outras atividades de subsistência. Viram-se sem alternativas na cidade, não haviam sido preparados para aquele

---

meio e não encontravam formas para superar a adversidade, falta de capacitação profissional, além dos baixos salários, do entorno miserável.

A família de Guedes, ao chegar a Boa Ventura, passa a conviver com Querubina, prima de Maria José. A prima é de classe média e expressa, com clareza o *status* social que desfruta dentro daquela sociedade. Fica evidente o desnível social entre as famílias.

Às recém chegadas ficaram de lado, como meras espectadoras do diálogo entre mãe e filha. E era justamente isso que a repousada senhora queria, para deixar bem nítida de início a diferença social entre as duas famílias. (1993, p. 48)

Querubina representa um grupo social, no caso a classe média, e incomoda-se com a presença da família da prima: “Ora, aquela gente vir a se meter na cidade, onde havia tantos que nada faziam senão chocar a própria miséria!”. (1993, p. 49-50)E, ainda mais, Maria José:

De fato, Maria José conduzia-se de molde a confirmar as suposições da prima. O desejo de subir um ou, se possível, vários degraus de condição social, o conforto e a fartura que gozava naquela casa ampla, fizeram-na esquecer a sua humildade e os precários recursos de que dispunha (MARTINS, 1993, p. 50).

Guedes, por sua vez, ao chegar à zona urbana tem a consciência de que aquele lugar não lhe é propício: “Morei toda a vida na campanha. Não me dou no povo. Estou aqui por necessidade, porque não achei pra onde ir.”. (1993, p. 52) Com o passar do tempo Guedes foi perecendo, passava parte do seu tempo no bolicho de Fagundes, com Quevedo. Lá os três compartilhavam as mesmas experiências de decadência urbana. A decadência moral completa-se juntamente com a física. Ele bebe demais, sua mulher envelhece precocemente e os filhos que sobrevivem não têm um futuro de expectativas pela frente, até que Guedes é levado ao roubo:

Depois, Guedes foi espichando o braço pra um lado, meio pra trás, até agarrar um embrulho que trouxera consigo. O outro fingia não perceber a manobra. Por isso manifestou surpresa quando o viu estender um pelego de ovelha em cima do balcão e logo, num movimento rápido atirá-lo para o lado de dentro [...] De qualquer modo seria uma entrega por conta [...] (1993, p. 62)

Geralmente Fagundes, Quevedo e Guedes referiam-se ao tempo de “dantes”, a vida no campo, a tradição pampeana, os valores do monarca das coxilhas. Sempre que se reuniam no bolicho, contavam proezas, feitos e alegrias do tempo passado:

Esse ‘dantes’, tão freqüente na boca daqueles derrotados, parecia se referir a um período mais longínquo do que era realmente, a uma época que pertencera a poucos,

---

aos escolhidos pela sorte, a uma era de larguezas inacreditáveis, de abundância, de bravura, de vitórias, vivida por homens guapos! Hoje em dia... Bah! E balançavam em silêncio as cabeças tontas, penalizados de si mesmo e do mundo que era outro. (MARTINS, 1993, p. 63)

Então eles sabiam o que foram no passado e, de certa forma, deploravam o que viam, aquilo em que se transformavam. Uma das passagens mais marcantes da narrativa é a descrição de Guedes, corrompido pela cidade, no momento em que volta de roubo:

Ele não temia a cadeia, temia a vergonha de ser preso por roubo. Mas o caiporismo, a desocupação, as exigências do sustento da família, a idade e a doença, assim, também a doença, arrastaram-no àquilo: a roubar!Aquele homem era o João Guedes, que carregava uma ovelha atravessada na garupa. Sim, o Guedes em pessoa, um gaúcho bom e direito, que foi domador, tropeiro, aramador, vizinho apreciado, plantador, que afrontou todos os riscos da vida campeira no tempo em que esta oferecia riscos, e que um dia se mudou para a cidade [...] (MARTINS, 1993, p. 64).

Aí se retoma o tempo de antes, em que fora foi honrado, honesto e bem visto. Esse tempo de antes estabelece um paralelo com o presente, em que se encontra corrompido pela cidade, à margem do trabalho, da dignidade, da vida..

Não levava nada para casa, nem dinheiro, nem carne, nem esperanças... Era mesmo um velho sorumbático, não contava 'causos', não fazia pagodes e já não tinha forças para ajudar nas lidas de campo. [...] A vista dos capões gordos dava-lhe cobiços. A tentação se repetia [...] Ultimamente, a própria Maria José o instigava ao furto, acossada pela pobreza. (MARTINS, 1993, p. 70)

E, assim, Guedes, tomados por esses pensamentos, novamente se rendeu ao roubo. Veio-lhe à imagem de quem fora antes: o mito. “Uma súbita fresta sulcou-se-lhe no pensamento, clareando seu passado de inteireza moral [...]”.(1993, p. 71) Quando estava prestes a pegar o animal ouviu passos, teve medo, porém supôs que seria gente cortando caminho. Mas não era, era a polícia e o seu fim. “Sim, era a polícia, era o maneador atando as pernas por baixo da barriga do cavalo, era a cadeia, o cascalho, a degradação, o fim!”.(1993, p. 71) Tudo que fora ao longo dos anos que vivera no campo, já não existia mais, era como se o Guedes de antes tivesse morrido. É aí que cai por terra o mito do gaúcho, preservado pelo romantismo e dilacerado pelo modernismo.

O tempo em que se encontrava na cadeia, Guedes, sentia uma sensação de segurança e abrigo. Parecia estar protegido da cidade, sentia-se mais leve e sereno:

João Guedes em pouco tempo adaptara-se à vida na cadeia, que não lhe parecia das piores. Gozava ali duma sensação de segurança de que havia muito se privado.

---

Proseava com os outros presos, enchia mate para os soldados, pitava, comia e dormia. De cada vez que a Maria José ia vê-lo achava-o mais arribado. (MARTINS, 1993, p. 90)

Logo, Guedes foi julgado e condenado a três meses de prisão. Entretanto já havia cumprido a pena no tempo anterior ao julgamento. No dia de sua saída da prisão, sua aparência era deplorável, de alguém digno de pena e sem rumo certo para seguir:

João Guedes, barbudo, desajeitado, com umas bombachas estreitas semeadas de remendos, um casaco de brim justo e umas alpargatas furadas, deixou-se conduzir passivamente pela mulher, as filhas e o filho. Não demonstrou maior alegria ao se ver livre. Na realidade, oprimia-o uma sensação de angústia, de vítima que se vê arrastada duma prisão para outra, talvez pior. (MARTINS, 1993, p. 90)

Como se depreende desta passagem, a ideia de liberdade o assustava. Para ele a cidade era pior do que a prisão, , tinha consciência de que não possuía condições para sustentar honestamente a família naquele lugar. A imagem da mulher e dos filhos, fisicamente abatidos pelos acontecimentos o preocupava ainda mais: “[...] A ver magreza da Maria José e a carinha descarnada do Lelo, a assistir à perdição inevitável das filhas, preferia ir outra vez servir de pajen para os milicos!” (1993, p. 90-91)

Quando chega ao seu rancho miserável, vendo a situação triste de sua família, sente uma grande desolação. Logo o Amigo, cachorro companheiro, vem encontrá-lo. Mas até o cachorro, vivia uma terrível situação: ganindo fraco, magro, velho e cego. Ao entrarem em casa, começam a matear, a conversar.

Além do roubo, da vida miserável, da bebida, da degradação física, aos poucos, no decorrer da narrativa, intensifica-se a desmistificação do gaúcho mais nitidamente. Em certo ponto, Guedes vê-se obrigado a vender o cavalo e, logo após, os arreios, ou seja, o que ainda vinculava-o com a terra e com o mito do monarca das coxilhas, que habitara o pampa em tempos imemoriais. “Cortava assim o último tento que o prendia à vida passada. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um desígnio doloroso de um gaúcho ‘de a pé’.” (1993, p. 95)

Para finalizar a narrativa, tem-se a descrição das taperas em que as famílias de Guedes, Bentinho e Gertrudes viviam no passado. “Aquilo era um rincão despovoado [...]” (1993, p. 127), mas o lugar onde vivera aquela gente tornara-se uma vistosa pastagem.

Mas que engorde dava aquela internada! Para um fim de safra, então, já com caídas para o inverno, não havia campo que se igualasse. Seiscentos novinhos pastavam

---

folgadoamente entre as altas cercas de sete fios e madeirama de lei que a tapavam. O sol entrou sem grandes esplendores. A noitinha caiu suavemente. Que paz naqueles campos! (MARTINS, 1993, p. 127)

Nessa passagem de encerramento, tem-se um tom de ironia do narrador, mas que é matizada pela melancolia. De alguma forma, porém, parece os seiscentos novilhos em engorda valessem mais do que a vida e o bem estar daquele povo que foi expulso dali. A paz referida ocorre naquela tapera, porém logo adiante, na cidade o temor invade lares de miseráveis.

### 3. E a crítica?

Zilberman afirma, em *Literatura no Rio Grande do Sul* (1980, p. 69), que a obra de Cyro Martins: “[...] constituiria uma nova visão do herói tradicional dos pampas, apresentado no seu estado atual: de penúria econômica e desenraizamento social, já que foi jogado para fora do campo, vivendo como um pária da sociedade urbana.”

Essa nova visão, expressa pela autora, traz o gaúcho desprovido das suas qualidades míticas. Agora, é um indivíduo qualquer, que vive às margens da sociedade urbana e não tem condições de sobreviver nesse meio. Segundo a autora, *Porteira Fechada* caracteriza-se como uma denúncia das condições sociais que se firmavam na sociedade sulina nos anos 1930 do século XX.

Hohlfeldt (1998, p. 62), neste sentido, acrescenta:

Na verdade, para Cyro Martins existe uma ampla complementaridade entre o individual e o coletivo. Nenhuma personagem acha-se despregada de seu contexto de classe, tempo ou história. Os campos sociais acham-se cruelmente marcados e delimitados, identificados pelo escritor que se define por um desses lados.

Na narrativa, faz-se, de fato, possível notar a situação econômica da época, o coronelismo, a tirania econômica da classe dominante, de modo que o poder econômico – e através, dele, político – dos grandes abafava a voz e a resistência dos pequenos produtores rurais, ocasionando a crise nas pequenas propriedades e determinando o êxodo rural, característico desta época.

Zilberman (1980, p.68) explica:

---

levando-a a categoria de denúncia das condições sociais predominantes na campanha. Recuperam, pois, os aspectos característicos do regionalismo, porém despem-no de seu ufanismo gauchesco, sepultando a índole festiva em troca da expressão da desigualdade social.

*Porteira Fechada* constitui um momento especial em que se presentifica a desmistificação do monarca das coxilhas, verificando-se, conforme Silveira (2004, p. 25), “uma ruptura com as insistentes reiteraões de sentido produzidas até então; estamos diante de Cyro Martins que cria a expressão ‘gaúcho a pé’”.

### **Considerações finais**

Ao refletir sobre a linguagem expressa na obra Silveira (2004, p. 25) anota:

na obra *Porteira Fechada* que encontramos subsídios para realizarmos a exposição da representação de sujeito à opacidade da linguagem, pois se trata de uma obra que recupera elementos referenciais da imagem do gaúcho mitológico e, ao mesmo tempo, apresenta outra imagem de gaúcho, configurando já a desmistificação do herói.

Assim sendo, transitam pela narrativa, elementos de feição mítica, do mesmo modo que características desmitificadoras, neste caso, a demarcação fundamental da obra, está na segunda parte, com a migração para a cidade, o afastamento da lida campeira, representa também a ruptura com os ideais cultivados naquele espaço e que, conforme se evidencia ao longo do romance, não encontram lugar no meio urbano, quer seja entre a classe dominante, em que impera a hipocrisia, quer seja entre os pobres, cuja nota principal

Diante do exposto, parece possível considerar que toda a construção narrativa da obra de Cyro Martins remete diretamente ao título: *Porteira fechada*, que retrata a pequena propriedade que vira tapera e encerra assim um ciclo. As porteiros de um antigo sistema social, político, econômico, fecham-se para os seus representantes mais humildes e abrem o campo para um novo processo: a concentração da terra na mão dos portadores do capital econômico.

### **Referências**

---

CARDOSO, Caroline dos Santos. Literatura e História na trilogia de Cyro Martins: a representação dos gaúchos e das prendas a pé. Porto Alegre: 2009. Monografia de conclusão de curso. 45 páginas. Disponível em <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/viewFile/6010/4328>>

Acesso em 02 junho 2011.

DACANAL, José Hildebrando. Romance de 30. Porto Alegre: Leitura XXI, 2001.

GONZAGA, Sergius. "As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura". IN: DACANAL, J.H. e GONZAGA, S. RS: *Cultura e ideologia*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

HOHLFELDT, Antonio. *Literatura e vida social*. 2.ed. Porto Alegre, EdUFRGS, 1998.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MARTINS, Cyro. *Porteira Fechada*. 10ª Ed. Porto Alegre: Movimento, 1993.

SILVEIRA, Verli Fátima Petri da. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmistificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. 332 p. Tese (Doutorado) – Curso de pós-graduação em Letras – área de Teorias do Texto e do Discurso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.